

Jornalismo na ética da subjetividade: análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Journalism in the ethics of subjectivity:
analysis of Latin Americans narratives and the
Brazilian teaching perspective

ANTONIO SEBASTIÃO DA SILVA¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo promover discussão sobre a formação do jornalista na sociedade contemporânea, considerando o processo dinâmico de comunicação; analisar como se ordenam as narrativas das mídias na perspectiva do pensamento simbólico e construção de hegemônica discursiva; compreender a formação de pensamento advinda da composição das narrativas ordenada pela subjetividade do texto jornalístico e produção sistêmica de sentido, na configuração de conhecimentos para ideologia hegemônica. Assim, em questão, como tratar subjetividade jornalística no processo acadêmico, considerando as narrativas das disputas de poder na contemporaneidade? Para além disso, o presente texto sinaliza para o entendimento das configurações da ética da subjetividade no ensino do Jornalismo brasileiro, considerando as mudanças na perspectiva de formação do estudante, na definição da objetividade. Pois, no contexto do jornalismo político, quando no cotidiano da imprensa, a realidade se desvela na ordem da subjetividade. A metodologia está na vertente da "análise crítica da narrativa" de Luiz Gonzaga Motta (2013), com atenção às metanarrativas do jornalismo brasileiro sobre a América Latina. A pesquisa se relaciona com um episódio narrativo do jornal *O Estado de S. Paulo*, do mês de agosto de 2016, envolvendo países, de viés liberal e progressista pela presidência do Mercosul.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Subjetividade jornalística. América Latina. Narrativas.

ABSTRACT

The article aims to promote discussion about the training of journalists in contemporary society, considering the dynamic process of communication; to analyze how the narratives of the media are ordered in the perspective of symbolic thought and the construction of discursive hegemony; understand the formation of thought derived from the composition of narratives ordered by the subjectivity of the journalistic text and systemic production of meaning in the configuration of knowledge for hegemonic ideology. So, in question, how to treat journalistic subjectivity in the academic process, considering the narratives of power disputes in the contemporary world? In addition, the present text points to the understanding of the configurations of subjectivity ethics in the teaching of Brazilian Journalism, considering the changes in the student formation perspective, in the definition of objectivity. For, in the context of political journalism, when in the daily press, reality is revealed in the order of subjectivity. The methodology is based on the "critical analysis of the narrative" by Luiz Gonzaga Motta (2013), with attention to the metanarratives of Brazilian journalism about Latin America. The research is related to a narrative episode of the newspaper *O Estado de S. Paulo*, of August 2016, involving countries, of liberal and progressive bias by the Mercosur presidency.

KEYWORDS

Journalism. Journalistic subjectivity. Latin America. Narratives.

Recebido em: 01/12/2017. Aceito em: 27/04/2018.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário do Triângulo (Unitri). Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: antoniosilva@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9866656011190059>.

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

1 INTRODUÇÃO²

Na complexidade da comunicação, com redução do espaço e tempo, que para muitos pensadores é o resultado da evolução de um mundo pós-moderno,³ pós-industrial, o jornalismo ganha protagonismo importante na definição da chamada democracia mediada, observando como importantes as transformações que ocorrem na comunicação social, com ênfase nas interações face a face (THOMPSON, 1998). A dependência das mensagens da imprensa para se informar, em um sistema complexo de conhecimento, pode levar o leitor às concepções que estão pertinentes com a capacidade dos narradores midiáticos para as configurações da realidade, a qual será sempre questionada pela possibilidade de novas construções.

Uma questão que se mostra importante é tentar entender a ética nos tempos atuais, retoricamente relacionada com a lógica do bom senso e justiça social. No jornalismo político, neste sentido, a objetividade e subjetividade podem não se revelar tão opostas, na busca pela proximidade da isenção no processo informativo. A rigor, os próprios meios de comunicação não são neutros, mas ao contrário, pressupõem códigos ressaltando novos tempos, com hegemonia cultural. De maneira pontual, a rigor, seguindo as análises de Barros Filho (2003), o próprio trabalho do jornalista é marcado por coação no espaço de produção, resultando em 'luta simbólica' entre profissionais pelo monopólio da informação. Nesta análise, na instrumentalização pela busca hegemônica de pensamento social: "Esse trabalho do jornalista, subjetivamente marcado, produz efeitos. Transforma o mundo geográfico em um mundo possível, midiaticamente construído e reconstruído diariamente." (BARROS FILHO, 2003, p. 107).

Desta forma, a subjetividade que emana do jornalismo tem como objetivo o enquadramento da concepção do leitor, numa negociação de sentido e formação de conhecimento, seguindo esta ordenação de mundo. Para Daniel Cornu, na discussão sobre a ética da comunicação, ressalta:

² Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente no 16º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (ENPJ), realizado em setembro de 2016.

³ Conforme Anthony Giddens: "Devo analisar a pós-modernidade como uma série de transições imanentes afastadas – ou 'além' – dos diversos feixes institucionais da modernidade." (1991, p. 58).

A definição de uma ética global da mídia passa por uma conscientização comum e não exclusiva dos agentes da informação, dos responsáveis pela mídia, do público e dos Estados, objetivando definir o que poderia equivaler, em matéria de informação, a um princípio de responsabilidade. (1998, p. 183).

A ordenação da realidade se relaciona com a capacidade social de compreensão de mundo, a partir de suas relações de maneira pragmática, portanto, subjetivamente, para ordenação da realidade coletiva.

A rigor, no avançar das narrativas midiáticas sobre a América Latina, o que menos parece importar, sobremaneira, é a isenção para a formação da opinião pública, mas defender valores sociais de modo a desvelar hegemonia cultural e política. Neste sentido, lançaremos mão da “análise crítica da narrativa” (MOTTA, 2013), de modo a desmembrar as reportagens para o entendimento das narrativas jornalística sobre as disputas pelo domínio da ordem política para os desígnios do Mercado Comum do Sul (Mercosul, em disputas políticas entre socialistas e neoliberais), envolvendo Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela, em tempo de mobilização em favor da definitiva inserção do neoliberalismo na América Latina. Nesta abordagem metodológica, os personagens da narrativa jornalística ganham importância, considerando a performance (papéis) que obterá do narrador jornalista/jornal, de modo a levar o leitor para a conduzir a verdades estabelecidas na ordem narrativa. Devemos ressaltar a atenção com o ordenamento das intrigas, que diz respeito aos motivos dos acontecimentos agendados, seguindo a temática escolhida, com exame dos pontos de viradas da narrativa. Pois, novos fatos sempre geram mudanças de perspectivas para a formação do pensamento do leitor, em consonância com o discurso do veículo, na composição da subjetividade jornalística (metanarrativa) que se propõe, a qual resulta na ideologia hegemônica,

A proposta deste texto é provocar uma discussão que está possivelmente posta, porém que merece atenção para o debate sobre o jornalismo na produção laboratorial e formação de profissionais da comunicação.

2 A COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DAS PERCEPÇÕES CULTURAIS

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. (FREIRE, 1987, p. 66).

A comunicação na contemporaneidade – e aqui entendemos como sendo da modernidade e não exatamente pós-moderno, por avaliar que não esgotamos todas as discussões essenciais na sociedade atual para transformação dos paradigmas sociais, como o fim da história, da ideologia⁴ –, efetivamente se relaciona com o processo comunicativo, tornando-se indispensável conhecer as interações que ocorrem na sociedade. Pode-se avaliar, neste sentido, que “os processos de globalização se aprofundaram, aproximando as partes mais distantes do globo por meio de teias de interdependência mais intensas e mais complexas.” (THOMPSON, 1998, p. 76).

A própria transformação das linguagens midiáticas resulta em formas diversificadas de comunicação, definindo-se novas concepções sobre a geração de conhecimento pela informação. De forma que as tecnologias para o conhecimento “podem ser, e certamente têm sido, profundas: mudam, tanto visível como invisivelmente, o mundo que vivemos.” (SILVERSTONE, 2002, p. 47).

A comunicação, se em tempos pretéritos se ordenava pela escrita e na determinação das mensagens por poucos suportes – sobretudo, jornais e livros –, na contemporaneidade as transformações são efetivas e rápidas. Talvez não se trata de apenas mudança nas mídias, mas diretamente no desenvolvimento do conhecimento coletivo, exigindo substancialmente mais informação e com novas dinâmicas. As transformações culturais se revelam, nesta análise, inexoráveis, em proporcionalidade com a dinâmica da comunicação na cotidianidade, devido ao acesso e ferramentas para outras mensagens. O

⁴ Neste sentido, seguindo o pensamento do Giddens, o qual avalia que: “Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém, estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização.” (1991, p. 57). Em outras palavras, as mudanças são visíveis de evolução tecnológica, principalmente, contudo, a formação do pensamento continua em suas bases históricas e ideológicas, por centro, nas matrizes de poder seculares.

universo acadêmico, que trata efetivamente de ensinar e compreender o processo da comunicação, está imerso neste cipoal de conteúdos midiáticos, na produção de informação para o conhecimento social.

Importante observar os filtros na comunicação, tanto nas mediações como nas traduções, envolvendo diversos fatores, resultantes de práticas cotidianas e interações comunicativas na sociedade. A concepção de passividade do leitor e o poder supervalorizado do jornalismo, nesta análise, pode levar a falsas afirmações sobre a própria realidade.

Nesta parte da abordagem cabe ainda avaliar como se efetiva a construção de hegemonia de ideias, que, como avalia Gramsci:

Uma das características mais marcantes de todo o grupo que se desenvolve no sentido de domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista 'ideológica' dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (2006, p. 19).

Neste sentido, importante definir determinados comportamentos e relações sociais, devendo, assim, analisar a aceitação política e econômica de um sistema capitalista que instrumentaliza naturalmente o processo comunicativo, e, com eficiência, na busca de resultados práticos, na ordem do cotidiano social.

|127

3 OS SIGNOS DO CONHECIMENTO

Analisar o jornalismo nos tempos atuais por certo depende da capacidade de ordenar o mundo através de signos culturais, que se difundem nas suas páginas com determinada ordenação e composição. Na modernidade a comunicação das mídias ganha notória importância para formação de conhecimento que relaciona com as subjetividades jornalísticas e não somente pela objetividade tal qual um espelho da realidade, sobretudo neste universo de mais e necessária comunicação e disputas de ideias⁵ e poder. Neste sentido que analisamos o ensino de Jornalismo, na concepção da realidade que passa

⁵ Como entenderam os defensores da "teoria do espelho", demovendo-se a influência da tradução do acontecimento noticiado, oferecendo, assim, a notícia como espelho da realidade (TRAQUINA, 2005, p. 146).

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

pela subjetividade, embora reconheçamos a importância da objetividade para a composição dos acontecimentos e conhecimentos social. Nesta perspectiva, como revela Adelmo Genro Filho, a objetividade, o singular

é a marca dos bons repórteres ou redatores. No entanto, essa questão não é tratada do ponto de vista teórico [.. Via] de regra, percebe o fundamento da realidade como uma soma de agregado de coisas ou eventos singulares, ao invés de percebê-lo também em suas dimensões concretas de particularidades e universalidade. (GENRO FILHO, 2012, p. 161).

Com o propósito de entender a construção da subjetividade no jornalismo, passamos a analisar o jornal *O Estado de S. Paulo*, nas narrativas de disputas de poder pela hegemonia política e econômica na América Latina, envolvendo Brasil, Argentina e Paraguai de um lado, que investem na abertura de mercado com os países do centro econômico mundial, e Venezuela e Uruguai de outro, com política voltada para defesa da economia com valorização, prioritariamente, local e regional. Com efeito, são países que compõem o Mercado Comum do Sul (Mercosul) em conflito na decisão sobre a legitimidade da posse da presidência do bloco econômico latino-americano. Durante 30 dias, entre 1º e 31 de agosto de 2016, acompanhou-se as disputas políticas, envolvendo as reportagens sobre os acontecimentos, cuja análise se relaciona ao início da trama e o seu encerramento, conforme recorte desta pesquisa. Portanto, neste período da narrativa são apresentadas as intrigas⁶ políticas do jornalismo, relacionando o momento de clímax, quando se tentava definir o vencedor no campo das disputas, até o seu encerramento, com a definição nesta batalha do presidente/país legitimado. Neste espaço narrativo está a configuração dos personagens, composição das intrigas, performance dos agentes na organização da diegese do diário paulista. Para tanto, consideramos como importante a divisão dos narradores, separadamente, conforme metodologia utilizada, envolvendo: a) veículo (empresa), o qual decide pelos títulos e imagens apresentadas, considerando passar por um processo de edição; b) jornalista, responsável pela atividade de pesquisa,

⁶ Como descreve Motta: "O conflito dramático [...] é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais no plano da estória. Neste plano, o conflito vai abrindo espaço para novas ações e sequências que serão sucessivamente narradas, prolongando e mantendo a narrativa viva ou encerrando-a." (2013, p. 170).

angulação dos fatos e sua narrativa com a devida configuração dos personagens no texto; e, finalmente, c) as fontes (desta forma, os personagens da narrativa), as quais têm papel fundamental de legitimidade da estória⁷ jornalística, por entender sua relação com a realidade política, com ações que dizem respeito ao mundo prático social, de modo a contextualizar a tessitura da trama, assumindo papéis de protagonistas e antagonistas. Nesta composição, evidencia-se para que lado tende o posicionamento dos narradores (veículo e jornalista), os quais determinam a composição e função de cada personagem na tessitura da diegese.

Desta forma, como metodologia desta pesquisa, em conformidade com a “análise crítica da narrativa” (MOTTA, 2013), entendemos que há uma ordem de sentido previamente planejada pelo narrador, que trabalha com estratégias textuais e simbólicas. “A construção de um roteiro ou trama revela com clareza a intenção pragmática do narrador e o uso de recursos argumentativos com a finalidade de produzir efeitos.” (MOTTA, 2013, p. 61).

Assim, para conhecer a configuração das narrativas, na construção da subjetividade nas tramas do texto jornalístico se fez necessário o acompanhamento de três instâncias distintas (MOTTA, 2013, p. 136), mas que se misturam na metodologia de análise: a) o plano da expressão, que se organiza no discurso e linguagem dos narradores, no texto em si; b) o plano da estória, que diz respeito ao percurso narrativo, o seu conteúdo, enredo e intrigas entre os personagens na trama; c) o plano da metanarrativa, que se relaciona com a proposição da temática, com sua contextualização enunciativa (as fábulas), numa condução simbólica da leitura, e os modelos de mundo ‘desenhados’ pelos narradores, no sentido de definir o pano de fundo da narrativa, desta maneira, na fixação da ideologia (metanarrativa).

⁷ Como descreve Motta (2013), a estória, diferentemente da história, com ‘h’, visa apenas a proposta de distinguir o trabalho do jornalista na sua narrativa do presente, que avança para o futuro, na construção de sentido. Diferenciando, assim, do universo das premissas acadêmicas do historiador, que organiza o tempo em conformidade como o recorte dos seus estudos, geralmente de demorada pesquisa de acontecimentos passados e sistematizados.

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

4 EPISÓDIOS PARA AS TRAMAS

A narrativa do jornal de *O Estado de S. Paulo* sobre o tema *Posse da Venezuela na presidência do Mercosul*, retoma uma memória pretérita, na qual diz respeito as disputas políticas que envolvem grupos de diferentes países na América Latina, os de orientação política mais liberal e aqueles que seguem como uma ordem pretensa de política social.

A participação da mídia latino-americana e global, a rigor teve papel fundamental nessa mudança de ideologia política regional, de pretensamente social para neoliberal. Conforme Moraes: "Os monopólios midiáticos são determinantes porque interferem na conformação do imaginário social, aqui entendido como espaço simbólico em que se estabelecem as identidades." (2011, p. 37).

Pois, é nesse cenário do processo comunicativo que se tenta acompanhar um destes episódios de narrativas jornalísticas na formação do pensamento social, portanto, contextualizado para as disputas de poder na América Latina, com atenção à diegese⁸ ordenada por um jornal de renome brasileiro.

Passemos, então, ao roteiro da narrativa. Inicialmente, no dia 1º de agosto de 2016, em reportagem de rodapé, o jornal *O Estado de S. Paulo* descreve que o governo venezuelano toma posse no comando do Mercosul, estabelecendo um impasse entre as forças políticas em disputas na região. Como conta o narrador, a Venezuela informa aos países do bloco que

A partir de hoje (sexta-feira), a República Bolivariana da Venezuela assumirá com beneplácito o exercício da presidência Pro Tempore do Mercosul, com fundamento no artigo 12 do tratado de Assunção e em correspondência com o artigo 5 do Protocolo de Ouro Preto. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2016, p. A12).

Rapidamente, na composição das intrigas o narrador-jornalista, o chanceler paraguaio, Eladio Loizaga, contrapõe, dizendo que: "Foi uma decisão unilateral da Venezuela" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2016, p. A12) e mais adiante, o personagem da narrativa diz que: "Para nós não existe essa automatização apontada pela Venezuela em razão do (determinado pelo)

⁸ Como descreve Motta, a diegese "corresponde ao universo virtual possível evocado pelo discurso narrativo na mente de quem conta ou escuta uma estória: o universo espaço-temporal no qual se desenrolam os acontecimentos da estória." (2013, p. 217).

Protocolo de Rio Preto. Essa atitude da Venezuela vai contra a institucionalidade do Mercosul” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2016, p. A12). Na imagem que ilustra a narrativa, o presidente venezuelano Nicolás Maduro está ao microfone, com sorriso largo, como que feliz pelo fato da ação na tomada de poder, vencendo inicialmente a disputa no campo político na América Latina.

Na sequência da narrativa, o próprio narrador-veículo entra na estória com o título (manchete), que abre a narrativa: *O Brasil rejeita a presidência da Venezuela no Mercosul*. Na página interna, segue a trama com destaque no seu título: *Em carta, Brasil contesta declaração de Venezuela de que lidera Mercosul* (OTTA; CAVALHEIRO, 2016, p. A10). A reação agora vem do ministro das relações exteriores, o brasileiro José Serra, empossado como novo ministro das relações exteriores, do governo ainda interino do Brasil, diante do processo em curso de *impeachment* da presidente petista, Dilma Rousseff.

Na voz do personagem, o jornalista-narrador descreve que em carta enviada ao Uruguai, Argentina e Paraguai: “O governo brasileiro entende que se encontra vaga a Presidência Pro Tempore do Mercosul, uma vez que não houve decisão consensual a respeito de seu exercício no período semestral subsequente.” (OTTA; CAVALHEIRO, 2016, p. A10). A rigor, a definição da presidência deveria sair de um consenso entre os países do bloco e não de maneira unilateral, como definiu a Venezuela, após estar vago o comando do Mercosul, com o fim do mandato do Uruguai. Na estória do jornalista havia um acordo formal entre os sócios, o qual definia para cada país um período de seis meses, para depois ocorrer a substituição da presidência, o que seguiria a ordem alfabética dos nomes dos países membros, ou seja, depois do Uruguai, o cargo naturalmente passaria ao comando da Venezuela. Porém não é o entendimento dos personagens da narrativa do jornal *O Estado de S. Paulo*, definindo-se a intriga na tessitura da trama do narrador. A questão dos membros do Mercosul, como conta o jornalista é que “Paraguai e Brasil argumentam que faltaria à Venezuela comprovar, até o dia 12 [dez dias após], o cumprimento de uma série de requisitos legais, alguns na área aduaneira e outros na de direitos humanos, para chegar à presidência.” (OTTA; CAVALHEIRO, 2016, p. A10).

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

Na configuração da trama, tanto do narrador veículo quanto do jornalista há uma divisão dos personagens, sendo que vai ocupando o papel de protagonistas no episódio Brasil, Argentina, Venezuela, por sua vez, assumindo o papel de antagonista dos narradores da estória. O Uruguai revelando-se personagem sem papel definido, mas importante na tessitura da trama dos narradores, portanto, um adjuvante de destaque.

Com o poder de voz na diegese sendo ordenado, o Chanceler José Serra evidencia-se.

Reafirmo que o governo brasileiro estará plenamente empenhado em preservar e fortalecer a institucionalidade, a legalidade e a legitimidade do Mercosul e continuará envidando os esforços necessários para a manutenção do diálogo, no interesse do Mercosul e de seus Estados partes, fundamentado no processo de decisão por consenso, consagrado no artigo 16 do Tratado de Assunção e no artigo 37 do Protocolo de Ouro Preto. (OTTA; CAVALHEIRO, 2016, p. A10).

132 |

Na imagem da narrativa do jornal, manifestantes pró-governo da Venezuela, chefiado por Nicolás Maduro, seguram bandeira do país, em movimento em favor da presidência do país.

No dia seguinte, a narrativa continua mostrando que a situação é de tensão, pois está estabelecido o desequilíbrio quanto às disputas políticas dos personagens. No alto da página o narrador-jornal conta que *Caracas usa tese de complô no Mercosul*. No subtítulo, Venezuela reclama de "conspiração de extrema direita, composta por Brasil, Paraguai e Argentina, para impedir país de liderar o bloco" (CAVALHEIRO, 2016, p. A11), reagindo às investidas do ministro brasileiro e seus aliados. À tona, os enfrentamentos políticos, que fazem referência às intrigas em tempo passado, sinalizando uma diferença de comportamento político, pois, "os conspiradores", rotulados pelos venezuelanos, como sendo de 'extrema direita'.

Na trama do narrador-jornalista o embaixador do Paraguai, Eladio Loizaga, desconfia dos interesses de Nicolás Maduro, sinalizando o pano de fundo da estória. Como conta "não pode ser utilizado para promoção de uma política interna. Nos preocupam os comentários sobre o que a Venezuela pretende fazer em sua presidência temporária." (CAVALHEIRO, 2016, p. A11).

A diegese a cada passo mostra mais intrigas e dúvidas quanto ao poder dos personagens antagonistas e protagonistas, como descreve o narrador.

A nota venezuelana acusa os três países de manobras jurídicas “picaretas” para bloquear sua chegada ao posto. Em entrevista ao canal Telesul, a chanceler venezuelana [Delcy Rodríguez] elogiou o Uruguai por apoiar sua posição. Na segunda-feira, o chanceler uruguaio, Rodolfo Nin Novoa, disse que Caracas está no comando. Com isso, o que era um cenário presumivelmente de acefalia deu lugar ao de uma divisão sobre quem detém a chefia. (CAVALHEIRO, 2016, p. A11).

Mas o personagem da narrativa não se cansa da sua proposta de evitar à posse dos venezuelanos: “Achamos razoável que se faça uma comissão de embaixadores que representam os países do Mercosul para informalmente dirigir o bloco até o fim do ano, quando então deverá assumir a presidência rotativa, o presidente da Argentina.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A11), conta Serra.

No dia seguinte, uma luz no horizonte, apesar da tensão nestes dias, como descreve o narrador-jornal no título de página interna, *Reunião sem Caracas avalia possível liderança compartilhada do Mercosul* (CAVALHEIRO, 2016, p. A9).

Como mostra a narrativa, o Uruguai se aproxima do grupo dos países contrários a posse da Venezuela no Mercosul. Porém, para deixar a situação mais tensa, Caracas já avisou que vai tomar posse já no dia seguinte, numa sexta-feira. Então, o chanceler brasileiro, José Serra, apresenta a decisão informalmente dos protagonistas. “Achamos razoável que se faça uma comissão de embaixadores que representam os países do Mercosul para informalmente dirigir o bloco até o fim do ano, quando assumirá a presidência rotativa o presidente da Argentina (Maurício) Macri.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A9). Mais à frente, com poder de voz sistematicamente na narrativa do jornalista, conta o personagem: “Não dá para desviar atenção de aspectos tão importantes da integração econômica em razão da dinâmica dos problemas de um governo autoritário na Venezuela.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A9).

Na configuração dos personagens na estória, ganha destaque também o embaixador do Paraguai, que passa a fazer parte do grupo dos protagonistas com poder de voz e performance de legitimidade e representação política. Assim, conta que: “Vamos decidir como afrontar os próximos seis meses e

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

analisar o protocolo de adesão da Venezuela, para resolver essa situação da presidência. E poderíamos, seguindo a ordem alfabética, fazer com que a Argentina assumira a presidência.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A9). Novamente, retoma o seu discurso contra a Venezuela, “nos quatro países fundadores funcionam os fundamentos do Estado e a divisão de poderes. E também se respeitam as minorias. *É preciso se acostumar, a democracia não é fácil.*” (CAVALHEIRO, 2016, p. A9, grifo nosso).

A foto que ilustra a página dos narradores define-se pelo movimento de pessoas contra o governo de Nicolas Maduro, em vias de ser votado referendo para sua saída da presidência. As ruas estão lotadas com as cores da bandeira do país. A estória do jornal paulista, portanto, tem outros episódios que correm em paralelo com esta narrativa.

Na sexta-feira, dia da posse do governo venezuelano na presidência do bloco, o narrado-Jornal traz no título *Sem Venezuela, sócios manobram para Mercosul funcionar sem presidente* (CAVALHEIRO, 2016, p. A12). Decidiu-se por uma prorrogação do prazo para a tomada de poder, de modo que o país latino-americano demonstre, como pretensões de assumir a chefia simbólica do bloco econômico, ser cumpridor de obrigações exigidas pelas normas definidas pelos membros. Como adianta o narrador-jornalista na tessitura da trama: “*Segundo um diplomata* que acompanha diretamente a negociação, é impossível que a Venezuela se adapte a todas as normas aduaneiras e regras relativas a direitos humanos em uma semana.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A12, grifo nosso). Assim, o Uruguai não poderia defender o seu aliado, observando que tergiversou às regras estabelecidas. Neste análise, diz Paulo Estivallet, subsecretário-geral da América do Sul, Central e Caribe, que representou o Brasil na reunião entre os membros: “Se os quatro quiserem que funcione, vai funcionar.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A12). Completa o pensamento o brasileiro José Serra, para quem a solução ideal seria “pegar os embaixadores dos países no Mercosul e eles fazerem um conselho informal para tocar os assuntos.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A12). Para o ministro brasileiro, no papel de protagonista da narrativa do jornal paulista, não é possível a Venezuela presidir o bloco, pois: “Por um lado, porque não cumpriu todos os requisitos do Mercosul. E em segundo lugar, porque

imagem se a sede do bloco poderia funcionar em Caracas.” (CAVALHEIRO, 2016, p. A12, grifo nosso).

Imagem que complementa a narrativa do jornal é a do personagem no papel de herói da trama, José Serra, em cerimônia na embaixada na capital federal, para quem, como descrito na legenda, a “sede do bloco não pode funcionar em Caracas” (CAVALHEIRO, 2016, p. A12), definitivamente, e se mostra uma realidade consensual, em razão da ironia do personagem, entre os leitores do periódico paulista.

A Venezuela, no papel de antagonista dos narradores do jornal, não sinaliza aceitar as prerrogativas do grupo de protagonistas e decide por hastear a bandeira do bloco em sua chancelaria, como aparece na imagem que se abre para o leitor. Na sequência, o narrador-jornal, no título, *Líderes avaliam tirar poder de veto de Caracas* (LEAL, 2016, p. A11), ou seja, reduzir seu poder de decisão política. Desta vez, entra na trama os presidentes dos países envolvidos nas intrigas políticas latino-americanas, como conta o narrador-jornalista. “Uma saída definitiva para o impasse do Mercosul foi discutida ontem em rápido encontro entre os presidentes Michel Temer, Mauricio Macri e Horacio Cartes e os chanceleres dos três Países.” (LEAL, 2016, p. A11). Inclusive houve consenso “de que é preciso buscar uma solução o mais rápido possível, pois a ausência de um presidente do Mercosul ameaça paralisar as atividades do bloco.” (LEAL, 2016, p. A11). Os governantes entendem que a Venezuela não terá condições de cumprir com as exigências pedidas, dentre elas a defesa dos direitos humanos, o que pressupõe retirar da prisão opositores políticos ao governo de Nicolás Maduro, que, agindo de modo autocrático, controla a própria justiça do país. Já se revelando certa ironia, conta o personagem do narrador, o presidente interino do Brasil: “É preciso esperar o dia 12, data para que a Venezuela apresente todos os requisitos necessários. Os chanceleres vão conversar com os embaixadores para verificar o que fazer. Há uma pequena resistência por parte do Uruguai.” (LEAL, 2016, p. A11).

Desta maneira, como pano de fundo, a perda de status dos venezuelanos demoveria o Uruguai, seu aliado, em defendê-los, de modo a aceitar o consenso entre os países de oposição, os quais se mantem na configuração como protagonistas dos narradores. “Levantamento mostra que Caracas

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

conseguirá chegar próximo a 60% das normas até a data-limite. Há quem defenda que, com isso, o país deixe de integrar o Mercosul” (LEAL, 2016, p. A11), posiciona-se o próprio narrador-jornalista na trama.

No entanto, em determinado momento da estória ocorre um ponto de virada, ou seja, um acontecimento cria novas tensões na ordem dos personagens. O Uruguai denuncia o embaixador brasileiro de propor compra de seu voto para impedir a posse da Venezuela na presidência do bloco econômico regional. Como conta o narrador-jornalista “o Ministério das Relações Exteriores convocou o embaixador uruguaio no Brasil, Carlos Amorim Tenconi, a dar explicações.” (OTTA, 2016, p. A11). A atitude demonstra se tratar de um caso grave.

Na imagem do narrador-Jornal o embaixador brasileiro está reunido com representantes do Uruguai, de maneira alegre e descontraída. No entanto, “Aquilo que na versão do chanceler uruguaio foi uma tentativa de compra de voto foi, segundo o Itamaraty, um chamado a que os dois países explorem em conjunto as oportunidades de negócio em terceiros mercados” (OTTA, 2016, p. A11), descreve o jornalista, numa referência ao Chanceler Rodolfo Nin Novoa. No ordenamento da diegese, a intriga entre Brasil e Uruguai não chegou em uma boa hora, pois, estava em curso um processo de negociação, em que os uruguaiois se mostravam dispostos a sentar com o grupo dos protagonistas da estória. Mas de todo modo, a situação ruim ficou mesmo para os representantes políticos de Montevideú, que agora não podem anunciar qualquer negociação em conjunto com os brasileiros, sem se mostrarem vendidos. Neste sentido, como pena os uruguaiois terão que resolver o problema que eles mesmos criaram. Se não bastasse, na tessitura da trama, os venezuelanos anunciaram que assumiram a presidência do Mercosul.

No dia seguinte diz o título do narrador-jornal *Serra recebe venezuelano, faz críticas a Maduro e atenua crise com Uruguai* (OTTA, 2016, p. A9). Portanto, o protagonista na estória do jornal *O Estado de S. Paulo*, agiu rapidamente para contornar o problema e voltar em boas condições na composição de poder. O ministro José Serra, na imagem, aparece trocando gentilezas com o deputado do país da intriga política e na busca de retomada do poder de representação regional, Luis Florido, a quem, como conta o narrador, o brasileiro oferece ajuda

para construir a nação vizinha. Afinal, sequer Nicolás Maduro deve assumir a presidência do seu país, o que dirá o bloco econômico da América Latina. Como diz o personagem com destaque na trama: “Todos os países democráticos deveriam pressionar a Venezuela para que realize esse referendo.” (OTTA, 2016, p. A9). Neste sentido, na sequência, como pano de fundo, reúne legitimidade para afirmar que: “A Venezuela não vai assumir a presidência [do Mercosul], *isso é seguro.*” (OTTA, 2016, p. A9, grifo nosso). E sobre o episódio, envolvendo a denúncia de compra de votos, o narrador-jornalista, na voz do personagem, conta que: “A questão foi esclarecida e não há mais nenhum problema no nosso trabalho conjunto com o Uruguai.” (OTTA, 2016, p. A9).

Uma semana depois, o acontecimento segue sem solução. A *Crise do Mercosul persiste após reunião* (OTTA; CAVALHEIRO, /2016, p. A9), diz o narrador-jornal no título de abertura da narrativa na configuração dramática dos acontecimentos na estória. Na imagem, diplomata brasileiro Paulo Estivallet de Mesquita chega para reunião em Montevideu acompanhado de uma mulher – possivelmente assessora –, com ar de assustado e sem convicções sobre o caso. Na reunião entre embaixadores dos países, Caracas não enviou representante para tomada de decisão sobre o impasse. Mas já se decidiu, pois, logo após a reunião na capital uruguaia, o governo da Venezuela marcou reunião do Mercosul, ocupando, assim, definitivamente o cargo de presidente do grupo econômico latino-americano, como conta o narrador-jornalista, “com o objetivo de abordar os desafios e o futuro do bloco e de avançar em uma maior e melhor integração durante o segundo semestre.” (OTTA; CAVALHEIRO, /2016, p. A9). Nas palavras do diplomata brasileiro há um ponto importante, os uruguaios reconhecem que os venezuelanos não reúnem condições para assumir a presidência do bloco econômico latino-americano. Diante disso, como diz o jornalista-narrador, os negociadores passaram o dia formulando uma proposta para conduzir os trabalhos do Mercosul até janeiro, quando a presidência passa para a Argentina.” (OTTA; CAVALHEIRO, /2016, p. A9).

Como encerramento da narrativa, cuja estória aponta para novos desdobramentos para o futuro, o narrador-jornal descreve em coluna de rodapé, no dia seguinte, portanto, sem nenhum destaque, que os uruguaios atenderam ao chamado dos venezuelanos e participaram de reunião do

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

Mercosul em Caracas. Assim sendo, na pauta de reunião, na diegese da estória, na voz do negociador venezuelano, Héctor Constant, foram “aprovados” projetos econômicos.

Entre as prioridades de Caracas, o diplomata citou o aprofundamento dos contatos com Cuba, China e Rússia, bem como, as tratativas com a União Europeia por um tratado de livre-comércio. A Venezuela declarou-se ocupante da presidência rotativa do bloco após o Uruguai deixar o posto, no dia 29. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2016, p. A16).

Na metarrativa definida pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, ou seja, o discurso implícito na condução da diegese do texto, ordenando visão de mundo para o leitor, está para o impedimento de o governo venezuelano assumir a presidência política do Mercosul, o que fundamentalmente tem importância nas decisões econômicas na região, embora a presidência seja apenas uma figuração simbólica temporária. Em jogo nas intrigas configuradas, ao longo das narrativas, evidenciam estratégias de revelar a incongruência da Venezuela e seus aliados latino-americanos, na defesa e ordem democrática, quando Nicolás Maduro, herdeiro do chavismo, resiste à forte oposição interna, com política nacionalista e popular. Nas mudanças da configuração da ideologia política da região, com a chegada de novas gestões públicas, com viés liberal com narrativas em produção desde o passado, perpassa a mudança de poder nas nações que demonstram a defesa do socialismo. Desta forma, o convencimento do leitor para formação de opinião pública latino-americana para novas composições políticas regionais, relaciona-se como tempo e estratégias para narrativas que se propõem hegemônicas.

138 |

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo narrativo do episódio sobre as disputas pelo poder político na condução do bloco econômico, outras narrativas ocorrem paralelamente, como é o caso do impeachment da presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), a negociação do governo colombiano com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, e, sob forte pressão da opinião pública latino-americana, causando a própria divisão na política interna no país colombiano, cuja composição diegética envolve os Estados Unidos, como

financiador das disputas entre governo e os guerrilheiros marxistas. Assim sendo, de maneira sistêmica as narrativas convergem para determinadas construções de conhecimento social, de modo a amparar ideologias que ganham status hegemônico mesmo que sejam provisórias – significativamente em razão do processo de comunicação contemporânea –, que, neste contexto, relaciona-se na definição de ordem para a instrumentação de poder econômico e político, neste caso, na América do Sul.

Ademais, na trama das estórias, para a qual, como efeito de análise, separamos a narrativa do jornalista e do veículo, se observa ao longo do processo de verificação do texto jornalístico que, as edições do meio constroem o que podemos chamar de composição sistematizada para os personagens protagonistas, na legitimação das vozes. Pois, neste sentido, o leitor é conduzido por uma ampla discussão de outras tessituras dramáticas, ou seja, que visa convencê-lo para à disposição de símbolos reconhecidos, portanto que se afirmam convencionados, na busca de consenso discursivo, porém amplamente negociado na tessitura da diegese. No que diz respeito ao episódio em si, o referendo proposto pela oposição na Venezuela, contra o governo de Nicolás Maduro corre a todo vapor na trama ampliada do jornal paulista, *O Estado de São Paulo*. O que nos permite afirmar que, se o jornalista busca sistematizar a narrativa de modo a permitir diferentes vozes na sua estória, pretensamente equilibradas, apenas de maneira segmentada em cada edição separadamente, há outras afirmações que se constroem de maneira direta na configuração das diferentes vozes no sistema narrativo no seu todo, ou seja ao longo da estória no tempo, com um núcleo hegemônico de pensamento. Desta forma, a objetividade observada dá lugar à subjetividade jornalística na construção da realidade, por meio da composição da narrativa, com fontes legitimadas e deslegitimadas para a condução do poder social.

Finalmente, pensar o jornalismo no mundo da comunicação na contemporaneidade não passa simplesmente pelo entendimento das produções de maneira isolada, insistimos, na definição de pontos até mesmo reconhecidos como éticos da informação, calcado na isenção do jornalista e nas pluralidades de vozes na mesma narrativa. A partir disso, deve-se contextualizar as disputas estabelecendo referência com poder em questão, numa trama, que

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro

tem relação com recortes do passado, que se lança para o futuro e, desta forma, indo muito além do texto e das vozes na narrativa, circunstancialmente, no episódio específico. Portanto, a configuração do próprio jornal se revela como um ponto do sistema, o qual, por outro lado é dinâmico e exige mais participação social, na tentativa de busca da sempre almejada democracia participativa consensual, que está relacionada na modernidade no tempo da comunicação mediada representativa, nas interações quase mediadas. O jornalismo precisa refletir sobre o processo comunicativo, com mais pesquisas sobre as teorias da comunicação, no sentido de aprofundamento das percepções dos meios e das mediações, ante a sua complexidade, consubstanciada com debate sobre normas e valores que se pressupõem resguardar valores éticos. Talvez seja mesmo tempo de reconhecer e debater as subjetividades jornalísticas em sala de aula, sem a descrição de velhas normas da isenção e imparcialidade, que se mostram inexistentes, como podemos analisar, no cotidiano jornalístico. Fundamental a compreensão das formas simbólicas para o conhecimento e práticas da produção da imprensa, com inserção do jornalista nestas disputas de ideologias, porém consciente de seu papel e função social. Em essência no processo de mediação está o próprio jornalismo e jornalista para a definição política da sociedade, aberta a alterações e hegemonias provisórias em consensos sociais, cuja percepção requer uma ampla e atual discussão nas salas de aula das faculdades de Jornalismo. 

140 |

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminura, 2008.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Caracas usa tese de complô no Mercosul. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A11, 3 ago. 2016.

_____. Reunião sem Caracas avalia possível liderança compartilhada do Mercosul. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A9, 4 ago. 2016.

_____. Sem Venezuela, sócios manobram para Mercosul funcionar sem presidente. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A12, 5 ago. 2016.

CORNU, Daniel. **Ética da informação**. Bauru: EDUSC, 1998.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis, Insular, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (v. 2).

LEAL, Luciana Nunes. Líderes avaliam tirar poder de veto de Caracas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A11, 6 ago. 2016.

MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, Dênis. **Vozes abertas da América Latina**: estado, políticas públicas e democratização da comunicação. Rio de Janeiro: MauadX; Faperj, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

O ESTADO DE S. PAULO. Só Uruguai vai à reunião que Caracas marcou. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A16, 25 ago. 2016.

_____. Venezuela se declara presidente do Mercosul; Paraguai contesta. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A12, 1 ago. 2016.

OTTA, Lu Aiko. Serra recebe venezuelano, faz críticas a Maduro e atenua crise com Uruguai. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A9, 18 ago. 2016.

_____. Uruguai acusa Serra de tentar compra de voto e aprofunda crise no Mercosul. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A11, 17 ago. 2016.

OTTA, Lu Aiko; CAVALHEIRO, Rodrigo. Crise do Mercosul persiste após reunião. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A9, 24 ago. 2016.

_____. Em carta, Brasil contesta declaração de Venezuela de que lidera Mercosul. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. A10, 2 ago. 2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade

Jornalismo na ética da subjetividade:

análise das narrativas latino-americanas e a perspectiva do ensino brasileiro interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. (v. 2).